



# Família Dehoniana

#102017

Newsletter de informação e de contato da Família Dehoniana em Portugal

## a abertura



Caros Irmãos e Irmãs,

Voltamos ao vosso encontro com o n. 10 da Newsletter da Família Dehoniana. Para além das notícias ou textos das diversas componentes de Família, queremos, este ano, publicar alguns estudos sobre o nosso Fundador e, sobretudo, continuar a apresentar textos seus, seja os de carácter espiritual ou social, seja outros. Assim todos poderão contactar mais de perto com o Fundador e conhecê-lo mais intimamente.

Entre as notícias, a mais relevante é certamente a do Jubileu da Província. Com dignidade e beleza,

comemoram-se, a 27 de Dezembro, os 70 anos da chegada dos primeiros dehonianos a Portugal e os 50 da nossa existência como Província.

Publicamos um pequeno estudo sobre as Obras Sociais do Padre Dehon e o prefácio do seu livro A Renovação Social Cristã. O Fundador tem ensinamentos de carácter social com muita atualidade, ainda no nosso tempo.

Iniciamos também a publicação de alguns escritos de viagem do Padre Dehon. Depois de uma breve apresentação desses escritos, começamos a publicar as impressões do Fundador, quando da sua visita a Portugal, em Março/Abril de 1900. Os textos, de que temos notícias e datas no seu Diário, foram recolhidos num dos seus três livros de viagens *Au delà des Pyrénées*, publicado ainda em 1900. Os outros dois livros são *La Sicile, l'Afrique du Nord e les Calabres*, publicado em 1897, e *Mille lieues dans l'Amérique du Sud: Brésil, Uruguay, Argentina*, publicado em 1908. Penso que todos terão alguma curiosidade e interesse em conhecer estes textos.

Quando o Padre Dehon visitou Portugal e escreveu as suas impressões, estava longe de imaginar o desenvolvimento que a sua Família, a Família Dehoniana, haveria de ter no nosso país, onde a Congregação chegou apenas 46 anos depois.

Para todos, uma saudação amiga, com votos de prosperidade e paz no Ano Novo há pouco iniciado. Que o Coração de Cristo seja, cada vez mais, o nosso coração e o coração do mundo.

*P. Fernando Fonseca, scj*

## ● JUBILEU DA PROVÍNCIA PORTUGUESA SCJ

A 27 de Dezembro de 2016, encerraram-se as celebrações do Jubileu do cinquentenário da Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus. Ao mesmo tempo, celebravam-se os 70 anos de presença Dehoniana em Portugal e os 35 anos de envio dos primeiros missionários para Madagáscar.

A jornada teve dois pontos altos. O primeiro aconteceu na sessão solene, no auditório do Seminário, onde o Superior Provincial, à volta do tema “Recordar o passado com gratidão... Viver o presente com entusiasmo... Olhar o futuro com esperança!”, fez memória dos inícios da província e do já longo caminho percorrido, graças ao entusiasmo dos fundadores e daqueles que deram continuidade ao projeto, com o apoio constante da Divina Providência.

O segundo ponto alto foi a celebração da Eucaristia, presidida pelo senhor D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa, concelebrada pelos três Dehonianos que são bispos da Igreja em Portugal, pelo Superior Geral e pelo Vigário Geral da Congregação, por representantes de algumas Entidades da Congregação, por muitos padres da Província e por vários padres amigos. Durante a celebração foram ordenados diáconos os religiosos Jorge Couto e o Nuno Pacheco. O Senhor Cardeal-Patriarca fez uma homília muito cordial, reconhecendo a riqueza da nossa presença em Portugal e estimulando-nos a prosseguir o caminho e ação iniciados há 70 anos. No final da celebração também o P. Heiner Wilmer, Superior Geral da Congregação, usou da palavra para se congratular connosco e nos incentivar à fidelidade aos valores que animaram os nossos pioneiros, e estimular a nossa abertura à internacionalidade. Seguiu-se um almoço-convívio, no decorrer do



qual foram homenageados diversos jubilados, incluindo a Província.

Participaram nas celebrações alguns membros de outras componentes da Família Dehoniana, com familiares, amigos e conterrâneos dos novos diáconos.

O dia 27 de Dezembro, é tradicionalmente vivido como “o Dia da Província”. Por isso, foi também o dia escolhido para o encerramento das comemorações do Jubileu da Província. Foi a 27 de Dezembro que, em 1946, chegou a Portugal o primeiro dos fundadores da Província, o P. Gastão Canova. Foi nesse mesmo dia que, em 1966, passámos de Região dependente da Província da Itália do Norte, a Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus. É a 27 de Dezembro que celebramos a Festa de São João, Apóstolo e Evangelista, um dos patronos do Padre Dehon, por também escolhido para patrono e modelo dos Sacerdotes do Coração de Jesus. Escreve o Fundador: “S. João, sendo o Apóstolo do amor, o Apóstolo do Coração de Jesus, é necessariamente um padroeiro e um modelo dos Sacerdotes do Coração de Jesus. Ele foi o discípulo privilegiado de Nosso Senhor, o discípulo privilegiado do Seu Sagrado Coração.” (DSP, IV, § 1).

Acabadas as celebrações do cinquentenário, ficamos à espera das do centenário!

**+ informação** ➡

# Conhecer o Padre Dehon

*Conhecer o Padre Leão Dehon é uma condição básica para nos darmos conta da sua inspiração evangélica. É útil ler as suas biografias e os estudos sobre a sua vida e ação. Mas, nada melhor do que contatar com os seus escritos e refletir sobre eles.*

*Até agora, temos publicado, sobretudo, escritos espirituais do Padre Dehon. Vamos continuar a fazê-lo. Mas vamos também publicar outros escritos, como os sociais e os de viagens. Ao mesmo tempo, publicaremos pequenos estudos sobre o Fundador.*

## Através dos Escritos Espirituais

*Neste número, publicamos a meditação que o Padre Dehon escreveu para o dia de S. Cláudio de La Colombière, que, no tempo do Fundador, ainda era apenas beato. Veio a ser canonizado a 21 de Maio de 1992, por S. João Paulo II. A sua memória litúrgica, obrigatória na Congregação, celebra-se a 15 de Fevereiro. A meditação do Fundador, proposta para o dia 15 de Fevereiro começa com uma citação Sir 6, 34 - “Se inclinares o teu ouvido, receberás a ciência e se gostares de escutar, adquirirás a sabedoria. Escuta os anciãos prudentes e adere de todo o coração à sua sabedoria para escutares os conselhos de Deus”. Seguidamente, Leão Dehon reflete sobre missão do santo, que consistiu em dirigir Margarida Maria e ajudá-la no seu apostolado, isto é, na divulgação da devoção ao Coração de Jesus. Ainda na introdução, reza: “Dai-nos, Senhor, o conselheiro de que necessitamos.” Depois, apresenta os três habituais pontos de meditação.*

*O primeiro ponto termina com uma exclamação: “Oh! Como importa ter um bom diretor! E preciso pedi-lo a Deus e escolhê-lo com cuidado. A nossa santificação e a nossa salvação estão nisso fortemente interessadas.”*

*No segundo ponto, o Fundador fala de como o santo jesuíta se tornou apóstolo da devoção*



*ao Coração de Jesus e termina interrogando-se: “Que fiz até ao presente para propagar esta bela devoção segundo o desejo de Nosso Senhor?”.*

*No terceiro ponto, Leão Dehon desenvolve um pouco mais a doutrina sobre o ato de oblação e conclui com um propósito: “Senhor, dou-me e consagro-me ao vosso divino Coração. Ofereço-vos tudo aquilo de que posso dispor, e proponho unir-me a vós frequentemente durante o dia.”*

*Leiamos o texto!*

## **I - O DIRECTOR**

Cláudio de la Colombière, nascido em 1641 em S. Sinfrônio, perto de Lião, foi enviado pelo seu provincial a Paray, em 1675, para ser superior da casa que os Jesuítas tinham naquela cidade. Aí conheceu a Bem-aventurada Margarida Maria e se tornou seu confessor. Era precisamente o momento da grande revelação do Coração de Jesus, que data de 16 de Junho de 1675. Depois de um exame atento e prudente o P. Cláudio de la Colombière julgou essa revelação autêntica. Adotou a devoção ao Coração de Jesus e tornou-se o seu arauto mais zeloso...

No ano seguinte, teve de partir para Inglaterra, onde inspirou esta bela devoção a muitas almas. Banido da Inglaterra e já doente, passou por Paray, indo para Lião; aí reviu Margarida Maria, confirmou-a e fortaleceu-a...

Deus quis que viesse morrer a Paray, e que ainda pudesse ver e encorajar Margarida Maria. A sua morte aconteceu a 15 de Fevereiro de 1682. O próprio Nosso Senhor fez saber a Margarida Maria que tinha escolhido o P. de la Colombière para a apoiar na sua missão.

Oh! Como importa ter um bom diretor! E preciso pedi-lo a Deus e escolhê-lo com cuidado. A nossa santificação e a nossa salvação estão nisso fortemente interessadas.

## **II - O APÓSTOLO**

O Padre de la Colombière consagrou-se, ele mesmo, ao Coração de Jesus, na sexta feira 21 de Junho de 1675; era o dia seguinte à oitava do Corpo de Deus, o dia designado por Nosso Senhor para a futura festa. Começou desde então a inspirar esta devoção em todas as suas filhas espirituais, em Paray.

Chamado a Londres no ano seguinte, como pregador da duquesa de York, deu a conhecer e a amar o Sagrado Coração, a começar pela própria duquesa, que, mais tarde, interveio com outros príncipes e princesas, junto do Papa Inocêncio XII, para que fosse aprovada a nova devoção. Ele mesmo fala disso em alguns dos seus sermões da Quaresma.

Regressado a França, continuou o seu apostolado, de uma maneira muito persuasiva, nas suas cartas

de direção (espiritual). Pedia aos superiores para a estabelecerem nas suas comunidades. Exercia o mesmo apostolado junto dos jovens religiosos de quem era diretor espiritual em Lião... Mas seria sobretudo depois da sua morte que o Padre havia de cumprir a sua missão. Partiu para o céu no dia 15 de Fevereiro de 1682. Dois anos depois, eram publicados os seus sermões em quatro volumes, e, num volume à parte, o diário dos seus retiros espirituais. Aí lia-se o seguinte: «Reconheci que Deus queria que eu o servisse procurando o cumprimento dos seus desígnios no tocante à devoção que sugeriu a uma pessoa à qual se comunica de modo muito confidencial, e para a qual quis servir-se da minha fraqueza.» Depois apresentava o relato da grande aparição de 16 de Junho de 1675. Este relato foi muito lido, porque o autor tinha grande fama de santidade.

Junto ao diário dos retiros, estava um belo ato de oferta ou de oblação ao Coração de Jesus, que também teve influência no desenvolvimento da devoção. E eu, o que é que fiz até ao presente para propagar esta bela devoção segundo o desejo de Nosso Senhor?

## **III - O ACTO DE OBLAÇÃO**

Este belo ato do Padre de la Colombière caracteriza admiravelmente a devoção ao Coração de Jesus. Começa por dizer qual o seu fim: «Esta oferenda, diz, faz-se para honrar este divino Coração, a sede de todas as virtudes, a fonte de todas as bênçãos

***“Senhor, dou-me  
e consagro-me ao  
vosso divino Coração.  
Ofereço-vos tudo aquilo  
de que posso dispor,  
e proponho unir-me a  
vós frequentemente  
durante o dia.”***

e o retiro de todas as almas santas». «Por todas as suas bondades, diz, este divino Coração não encontra no coração dos homens senão dúvida, esquecimento, desprezo, ingratidão». O santo religioso formula então a sua oferenda:

«Para reparação de tantos ultrajes e de tão cruéis ingratidões, ó muito adorável Coração do meu amável Jesus, e para evitar cair em semelhante infelicidade, ofereço-vos o meu coração com todos os movimentos de que é capaz, e dou-me inteiramente a vós...Ofereço ao vosso divino Coração todo o mérito, toda a satisfação de todas as minhas missas, de todas as orações, de todos os atos de mortificação, de todas as práticas

religiosas, de todos os atos de zelo, de humildade, de obediência e de todas as outras virtudes que praticar até ao último momento da minha vida. Não só tudo isto será para honrar o Coração de Jesus, mas ainda lhe peço que aceite a doação total que lhe faço, de dela dispor do modo que lhe agradar e em favor de quem lhe agradar».

Este belo ato contribuiu muito para determinar e para propagar a verdadeira devoção ao Sagrado Coração.” “Senhor, dou-me e consagro-me ao vosso divino Coração. Ofereço-vos tudo aquilo de que posso dispor, e proponho unir-me a vós frequentemente durante o dia.”

(*L'Année avec le Sacré Coeur*, in [www.dehondocs.it](http://www.dehondocs.it), 188-196)

## Através das Obras Sociais

*Vamos procurar conhecer as Obras Sociais do Padre Dehon. Para já, uma apresentação sumária feita pelo P. Francisco Sehnem, confrade brasileiro que se tem dedicado a estes estudos. Depois, apresentamos, como primeiro texto, a introdução ao livro A Renovação Social Cristã, publicado pelo Fundador em 1900. Escreve o P. Sehnem:*

“O Padre Dehon sugeriu, como meios de Apostolado Social, a palavra e as obras. Dizia que era preciso visitar as famílias, criar uma imprensa popular. Fundou círculos de estudo, fez inúmeras conferências, pregou retiros. Fundou associações religiosas e profissionais, principalmente sindicatos e corporações. Procurou a colaboração de muitos leigos. Escreveu muito: publicou muitos livros, fundou e colaborou com jornais e revistas. Mas, queremos aqui dar uma ideia de suas obras. Faremos um pequeno elenco das obras do Padre Dehon e dos seus primeiros colaboradores.

**1871 a 1878** - O Padre Dehon está em São Quintino, onde exerce suas funções como 7º vigário paroquial. As condições do povo (miséria, trabalhos massacrantes, salários de fome) levam o Padre Dehon a buscar “uma justa solução da questão social”, com iniciativas e obras, com palavras e escritos. Procura conscientizar os sacerdotes, na pastoral e, em seguida, também os seminaristas, a respeito da questão social, pedindo que saiam das sacristias e das casas paroquiais, para ir ao encontro do povo.



Podemos lembrar o Patronato São José, os Círculos Operários, os Congressos Sociais, as reuniões com os patrões, a formação dos padres e seminaristas e escritos diversos.

**1878 a 1888** - Dehon começa a perceber, sempre mais, que não basta a caridade. É necessário envolver-se sempre mais nas questões de justiça social e fazer um programa de reformas.

**1889 a 1892** - Leão Dehon tem algumas iniciativas positivas: Formar uma boa imprensa (em 1889 começa a editar a sua revista: O Reino do Coração de Jesus....), reuniões e congressos operários. Nota-se uma abertura para mudanças sociais e políticas. É um homem do seu tempo, sintonizado com a Igreja no campo social (Rerum Novarum). Depois da Rerum Novarum (Leão XIII - 15.05.1891) assume a missão de porta-voz do Papa: “O Papa falou, somos agora seus porta-vozes. Somos o seu eco. Ouçam o Papa. Ele quer os seus padres indo ao povo. É no meio do povo que devemos estar. Não haverá verdadeira mudança, se não sentirmos com o povo” (NHV, XV, 82-83).

**1893 a 1900** - O Padre Dehon é o presidente da Comissão de Estudos Sociais da diocese de Soissons (28.06.1893). Promove estudos sociais entre o clero.

- Procura criar obras mais modernas, para responder às necessidades da época, sem desprezar as antigas.
- Participação na política (Democracia Cristã). Compromisso político.
- Insiste que se deve ir ao povo mais simples, para ganhá-lo para Cristo.
- Publica o Manual Social (20.08.1894). **Trata-se de uma obra coletiva**, dirigida pelo Padre Dehon, mas escrito por várias pessoas. Reflete o pensamento do Padre Dehon, mas muito mais do que isto. Reflete o ensinamento da Igreja da época. Dehon escreve ainda a defesa dos Congressos Sociais.
- Insiste com o clero para que escute o apelo de Leão XIII, cumprindo o seu desejo de vê-los indo ao povo.
- Fala da necessidade de se criar um partido político católico.
- Em 1897 inicia as Conferências Romanas (Sobre a Renovação Social).

## **AS OBRAS DOS PRIMEIROS TEMPOS DA CONGREGAÇÃO**

**1 - O Colégio São João (15.08.1877).** O Padre Dehon considerava o Colégio São João uma obra social. E, no Manual Social, segunda parte, capítulo XVII, escreve: “Um sacerdote que tem a seu cargo a cura de almas terá como primeira

**“O Padre Dehon sugeriu, como meios de Apostolado Social, a palavra e as obras. Dizia que era preciso visitar as famílias, criar uma imprensa popular. Fundou círculos de estudo, fez inúmeras conferências, pregou retiros...”**

preocupação ter uma escola particular, desde que a Providência lhe dê os recursos necessários”.

**2 - O Patronato São José (23-06.1872).** Nesta obra trabalhou o Padre Dehon e depois o Padre Rasset. Desenvolvia uma ação social para patrões e operários. No início, o Padre Dehon tinha a convicção de que os patrões deveriam realizar a ação social em favor dos operários. Eles sozinhos não teriam condições de cuidar dos seus interesses.

**3 - A obra dos surdos-mudos, em Soissons.** Nos primeiros dias de outubro de 1879, a pedido do Bispo de Soissons, o Padre Fundador enviou seus companheiros Lamour, Falleur e Philippot para dirigir o Instituto dos Surdos-Mudos (São Medardo) de Soissons. Dirigiram a obra durante vários anos e depois a devolveram ao bispado.

**4 - Missões Diocesanas.** Estas missões foram assumidas, pela primeira vez, na Quaresma de 1886, e muitos de nossos padres realizaram, por meio delas, um excelente trabalho. Entre outros, colaboraram nestas missões os padres Charcosset, Rasset, Essous e Delgoffe.

**5 - A “Maitrise” da Basílica de São Quintino.** Era uma pequena escola, anexa à Basílica de São Quintino. Nela viviam uns 50 meninos. Foi dirigida por nossos padres, desde 1886. Sua educação era gratuita, mas tinham que colaborar no serviço litúrgico, como coroinhas ou pequenos cantores. Eram selecionados entre as famílias pobres e deviam ser piedosos e inteligentes e, se possível, aspirantes ao sacerdócio. Essa obra foi deixada em 1897.

**6 - Paróquia de Santo Elígio (Elói) em São Quintino.** Era uma pequena paróquia na periferia de São Quintino, de uns 10.000 habitantes. Confiada à Congregação em 1887.

**7 - Oficinas e fábricas de Val-des-Bois.** Em 1887, o Padre Charcosset começou a trabalhar em Val-des-Bois, nas fábricas de Leão Harmel, junto com outro padre e um escolástico. O Padre Charcosset, antes de entrar para a Congregação, já trabalhara em Charoles. Havia fundado obras sociais, um círculo operário e patronatos para rapazes e meninas. Agora, trabalhando em Val-des-Bois, põe-se a estudar as questões sociais e escreve uma série de artigos destinados a interessar seus co-irmãos no sacerdócio, pelos problemas sociais. Ainda, em 1887, participa com Leão Harmel de uma grande peregrinação da Obra dos Círculos Operários Católicos a Roma. Desta peregrinação participam 3.000 peregrinos.

**8 - Paróquia de São Martinho, em São Quintino (1888).** Era um bairro bastante populoso e praticamente abandonado, na periferia de São Quintino. O Padre Agostinho Herr foi encarregado de começar os trabalhos naquele bairro.

**9 - As Missões no Equador (1888-1896).** Durante estes anos, 18 religiosos da Congregação partiram para as missões no Equador. Os primeiros foram Blanc e Grison.

**10 - Santuário de Nossa Senhora de Fresneau em Marsanne, na Diocese de Valence, sul da França (1890).**

**11 - Paróquia de Oulchy, Diocese de Soissons (1891).** Era uma região totalmente materializada e muito difícil. Foram destinados para esta paróquia os padres Rasset, Wagnet e Noiret.

**12 - Missões no norte do Brasil (1893).** Começa-se o trabalho em Camaragibe, na indústria do senhor Meneses. Este desejava que os nossos padres fizessem aí um trabalho semelhante ao de Val-des-Bois.

**13 - Missões no Congo (1897).** É a grande missão da Congregação. Os padres Grison e Lux, expulsos do Equador, foram os primeiros a partir para o

Congo. Padre Lux regressou e, em 1903, partiu para o Brasil.

**14 - Missões em Tunis (1898).**

**15 - Além disso, temos a fundação de pelo menos onze casas de formação, neste período.**

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Percebe-se que são muitas e bem diversificadas as obras da Congregação nestes primeiros tempos, mas com uma certa preferência:

- Pelas missões (Equador, Congo, Brasil, Tunis)
- Pelos bairros populares (Santo Elígio, São Martinho).
- Pela pastoral operária (Val-des-Bois, Camaragibe, a Obra São José).
- Pela pastoral Juvenil (Colégio São João, La Maitrise)

Mas, há também outras obras, como a dos surdos-mudos, o Santuário em Marsanne. E, o que unia tudo isso era a finalidade comum de devolver a Cristo, ao Coração de Jesus uma França e um mundo católicos. Todas essas obras têm uma finalidade reparadora. E o Padre Dehon pensa sempre em remediar ativamente as deficiências pastorais da Igreja do seu tempo.

O grande número de Casas de Formação e o trabalho com os seminaristas e o clero indicam que, para o Padre Dehon, a formação sacerdotal era o trabalho mais importante que se poderia realizar para a Igreja; trabalho necessário para prolongar e ampliar a vida e o trabalho da Congregação nas missões distantes. Além disso, o Padre Dehon está convencido de que a recuperação espiritual e social da França só será possível através de um clero santo e bem preparado.

Em 1919, no Diretório Espiritual, ainda escreverá: “Nas obras de apostolado devemos dar preferência a estas, que podem ser consideradas as mais importantes e mais queridas do Coração de Jesus: o serviço aos sacerdotes, sua educação, sua santificação; a preocupação com os pequenos, os operários e os pobres” (Osp VI, p. 519).

*P. Francisco Sehnem, scj*

E-mail: [chicoseh@libero.it](mailto:chicoseh@libero.it)

## PREFÁCIO AO LIVRO A RENOVAÇÃO SOCIAL CRISTÃ

*Publicamos, desta vez, o prefácio ao livro de Leão Dehon intitulado A Renovação Social Cristã, publicado em 1900. O P. Manuel António Jardim, muitos anos missionário em Madagáscar, durante os meses de repouso no Noviciado, antes de partir para Angola, traduziu a obra que congrega as famosas Conferências Romanas do Fundador. Eis o prefácio:*

1 - Estas conferências foram acolhidas em Roma com um certo favor. A imprensa católica deu resumos delas. Pedem-nos o texto, ei-lo, aqui vai. Descrevemos a renovação social que começa. Tocamos no fim de uma heresia: o paganismo na vida social e económica. O erro, em apertos, debate-se nos transe do socialismo e da anarquia por um lado, e do conservadorismo cego por outro. Cristo foi posto de lado da vida política e da vida económica; Ele, porém, deseja entrar nelas com os seus benefícios, com o reino da justiça e da caridade.

2 - As ideias preparam os fatos. A ideia social cristã está numa ampla via de conquista. Ela despertou

pelo meio do nosso século, que está a findar: Leão XIII tomou a chefia do movimento, e determinou a vitória da ideia. Os fatos seguir-se-ão. A ideia tem os seus apóstolos aguerridos. Estes não mais recuarão, à imagem dos apóstolos dos primeiros séculos.

Quisemos dar por meio destas conferências o nosso modesto contributo. Possam elas esclarecer certos espíritos e mover algumas vontades!

O Santo Padre quis interessar-se sobre o assunto e dar-nos coragem.

Dedicamos-lhe as conferências como a um Pai ternamente amado.

*Roma, na festa do Rosário, 1900*



## Através dos escritos de viagens

O Padre Dehon foi um grande viajante. Desde muito novo visitou alguns países da Europa na companhia de seu pai. Jovem doutor em Direito, viajou pelo Médio Oriente e pelo Norte de África. Mais tarde, já padre e fundador, visitou diversos países da América do Norte e da América do Sul. Acabou mesmo por dar a volta ao mundo, e tocar alguns países da Ásia. Em Março de 1925, poucos meses antes de morrer, reconhece, no seu Diário, que tinha viajado muito, talvez demais. Mas as motivações dessas viagens, - explica -, “foram sempre aumentar os meus conhecimentos estéticos, geográficos, históricos, e confirmar a minha fé” (cf. NQT XIV, 48-49). Outro interesse nas suas viagens era conhecer a situação da Igreja nos países de missão por onde passava, enviando relatórios informativos à então chamada Congregação da Propaganda Fide.

A 24 de Julho de 1899, o Fundador deixa Paris para a sua primeira viagem a Espanha. Chega a S. Sebastião, no dia 26. Nesse mesmo dia, prossegue para Madrid. Fica por Espanha até

finais de Agosto, percorrendo várias cidades. Ao deixar o país, anota algumas reflexões no seu Diário, escrevendo: “Amei a Espanha por causa da sua história: é uma nação de cruzados, de cavaleiros e de apóstolos... Deu o novo mundo à civilização e à fé” (NQT XIV, 163).

A segunda viagem a Espanha começou a 5 de Março de 1900 e terminou a 24 de Abril do mesmo ano. O Padre Dehon entrou por Barcelona, visitou o Sul de Espanha e tocou Gibraltar e Tânger. A 26 de Março de 1900, entrou em Portugal, vindo de Sevilha. A partir de 27, o Fundador visitou a capital portuguesa e arredores, e fez excursões à Batalha e a Alcobaça. Chegou a Coimbra a 1 de Abril. Visitou o Porto no dia seguinte. No dia 3, já regressado à cidade dos estudantes, segue para Badajoz, prosseguindo a viagem que o levou a outras cidades do país vizinho, incluindo Santiago de Compostela. No dia 23 de Abril, tomava um barco em Barcelona, rumo a Roma. Na Cidade Eterna, encontrou uma família amiga, os Arrachart, a quem fez de cicerone durante alguns dias “para lhes ser agradável”.



## ● O PADRE DEHON EM PORTUGAL

“Desembarcámos a 26 (de Março de 1900) de manhã em Lisboa e instalámo-nos no Hotel Central.

Lisboa é, de facto, uma grande cidade, que conta mais de 300.000 habitantes. Está muito bem situada na margem direita do Tejo, no ponto em que o rio, que acaba de formar o estuário chamado Mar da Palha, se estreita para se ir lançar ao mar por um canal de três quilómetros. Construída em anfiteatro sobre sete colinas, algumas das quais têm cem metros de altura, está situada nas margens de um rio soberbo, sob um céu admirável, sendo uma das mais belas cidades da Europa. É a rainha da península ibérica, como Nápoles é a rainha do Itália. Comparámo-la também a Constantinopla, e o seu porto é um dos mais belos de todo o mundo. Subimos depois ao castelo de S. Jorge, na cidade velha, a leste, para um olhar panorâmico sobre Lisboa. Toda a cidade baixa foi destruída pelo terramoto de 1755, mas o Marquês de Pombal fez dela uma cidade soberba, bem traçada em quadriculado, com a Praça do Comércio, junto ao

porto e, mais acima, a Praça de Dom Pedro IV, ou do Rossio, que se prolonga na grande Avenida da Liberdade.

Subindo a São Jorge, visitámos a velha catedral, que conserva a sua fachada em ogiva bastante pesada e a sua abside gótica. Venera-se aí um crucifixo milagroso. O crucifixo é uma das grandes devoções dos portugueses.

Também se venera o corpo do ilustre diácono S. Vicente, martirizado em Valência, em 304, que foi transportado para o Cabo de S. Vicente, e depois para Lisboa no tempo dos Mouros. O barco, acompanhado por corvos nas armas da cidade, lembram a transladação do corpo de S. Vicente. Os corvos, diz a tradição, escoltaram o barco para honrar o santo. A catedral é a sede de um patriarcado, porque o primado do arcebispo se estende a todo o Portugal, às ilhas do Açores, à ilhas de Cabo Verde e a uma parte das Índias.

Visitámos mais acima o antigo mosteiro de S. Vicente (de Fora), que hoje serve de seminário e de residência do cardeal. Que maravilhoso claustro ele tem com faianças ou azulejos, que representam fábulas e caçadas!

O castelo de S. Jorge é o antigo Alcácer mourisco, habitado mais tarde pelos reis de Portugal. Está situado num bairro pobre e pitoresco e nada tem



de interessante senão a bela vista que aí se frui sobre toda a cidade de Lisboa.

Foi seguramente a acrópole da velha cidade fenícia e romana. Uma torre do castelo chama-se torre de Ulisses. Na verdade, se Ulisses teve alguma parte na fundação de Lisboa, como quer a tradição popular, foi lá que assentou a sua cidadela. Mas a crítica pretende que o antigo nome de Lisboa, *Olissipo*, não vem de Ulisses, mas da língua fenícia. *Alis Ubbo*, baía deliciosa. Os romanos chamaram-na *Felicitas Julia*, em honra de Júlio César. Os Mouros, durante quatro séculos, de 716 a 1147, estabeleceram o seu Alcáçar sobre um rochedo que tinha suportado a acrópole da cidade velha.

Subimos mais alto ainda, a Nossa Senhora da Graça. Lá também temos uma vista maravilhosa não só sobre Lisboa, mas sobre o vale do Tejo, até ao mar. A igreja tem uma imagem muito comovedora de Cristo em agonia. É um *passo*, uma imagem de procissão.

Descendo, rezámos a Santo António de Pádua, na igreja erguida sobre o lugar da sua casa natal, junto à catedral. O povo manifesta aí uma grande devoção.

Revisitamos várias vezes o centro da cidade, com a bela Praça do Rossio, com um pavimento ondulado, cujo reflexo provoca enjoo, e com as suas grandes ruas de comércio muito interessantes para visitar, por causa das lojas de ourivesaria e de faianças que têm características muito locais.

A bela Praça do Comércio está rodeada de edifícios simétricos do século passado, com arcadas no rés-do-chão. No centro, ergue-se a estátua equestre de José I. Do lado do Tejo, há um belo cenário, o panorama das colinas verdejantes que rodeiam o rio e onde se elevam graciosas aldeias e casas de campo. A Praça do Rossio tem a estátua do rei Dom Pedro IV sobre uma coluna monolítica.

Mais acima, a Praça dos *Restauradores* tem um monumento erguido em honra dos restauradores da independência de Portugal, em 1640. Os Portugueses são ciosos da sua independência, ainda que o partido republicano sonhe uma federação para toda a península.

Junto ao Rossio está a igreja de São Roque, a mais rica de Lisboa. Tem particularmente duas capelas muito notáveis: a de São Roque com uma elegante ornamentação de azulejos, e a de S. João Batista, com uma riqueza extrema, no género da cartuxa de Nápoles. O rei João V mandou-a construir e

ornamentar segundo os projetos de Vanvitelli. Os mosaicos e os mármore foram trabalhados em Roma, para depois serem transportados para Lisboa. O altar é feito com as pedras mais ricas, a balaustrada e o pavimento são verdadeiras tapeçarias de mármore.

Não longe de S. Roque está a Praça Camões com um monumento que sustenta uma bela estátua do grande poeta, rodeada de estátuas de oito portugueses célebres. O bairro do oeste tem grande interesse por causa das belas vistas que aí se disfrutam, seja a Praça da Estrela, seja o cemitério dos ingleses.

A bela igreja da *Estrela* é dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. É uma igreja com cúpula, uma pequena São Pedro. Foi erguida de 1779 a 1796. O interior está ricamente ornado. A rainha Maria I contribuiu generosamente para a construção desta igreja votiva ao Sagrado Coração. Ela mesma está representada no quadro que ornamenta o altar-mor. As cinco partes do mundo estão lá em adoração diante de Cristo : a rainha Maria representa a Europa.

Mais longe, a oeste da *Estrela* e pouco fora da cidade, está o palácio real, chamado das *Necessidades*. É muito modesto como monumento, mas tem um parque soberbo. Vi sair dele a jovem rainha, Maria Amélia de Orleães, a cavalo em traje de amazona, seguida por um oficial e um escudeiro.

No mesmo bairro do oeste, mas a norte, está o jardim botânico. Tem belas plantas tropicais que são desconhecidas em França, ou que se desenvolvem pouco, enquanto aqui têm proporções majestosas, como as araucárias, as sequoias, as dragoeiros, as iúcas, as palmeiras, os sisais.

Para ver bem Lisboa, é preciso ir à outra margem do rio Tejo. Foi o que fizemos. Um barco a vapor levou-nos ao pequeno porto de Cacilhas e, de lá, subimos de carro à cidade de Almada, donde se pode desfrutar uma magnífico panorama.

À direita, observa-se o vasto estuário do Mar da Palha, que tem 25.000 hectares; em frente, está Lisboa com as suas colinas, o seu velho Castelo de S. Jorge, as suas igrejas numerosas, os seus bairros novos construídos com largueza, os seus cais, os seus palácios das *Cortes* e a bela igreja da Estrela. À esquerda, segue o curso do Tejo para Belém e até ao mar.”

(*Au delà des Pyrénées*, in [www.dehonsdocs.it](http://www.dehonsdocs.it), 480-486)

## • COMPANHIA MISSIONÁRIA DO CORAÇÃO DE JESUS

### *Lugar de origem, “berço” dos afetos*

No dia 19 de novembro de 2016, parti para o Funchal. Levava comigo apenas o indispensável: uma bagagem de mão e a alegria pela oportunidade de passar uns dias com o grupo da Companhia Missionária desta cidade. Ia despojada e disponível para acolher, ouvir, estar com, contemplar... A beleza desta pérola do Oceano Atlântico, a simplicidade e a alegria das pessoas ajudaram-me a viver numa atitude constante de louvor ao Criador.

Tinha preparado alguns subsídios formativos, e sobretudo a determinação de olhar nos olhos, de escutar e de me deixar orientar pelo Espírito para que fosse Ele a conduzir os nossos trabalhos.

Passei estes dias na sede CM do Funchal, uma autêntica Betânia onde todos se sentem bem, em casa. A presença discreta, atenta, disponível e acolhedora da Teresa Freitas, neste lar da CM, foi muito positiva para mim.

Nos encontros pessoais e de grupo, encontrei muita disponibilidade, abertura, receptividade, sentido de pertença e de participação.

Gostei muito de ter conhecido pessoalmente a Teresa Ornelas, formanda na etapa da Orientação, e dos encontros que tivemos.

Participei num encontro com os familiares e fiquei maravilhada com o seu dinamismo e compromisso na CM, eclesial, social, profissional e familiar.

Privilegiámos também visitas às famílias das missionárias, sempre na companhia da Teresa Freitas.

Começámos o nosso itinerário de visitas pela Ana Castro. A sua irmã, Teresa Castro, depois de um longo período no Funchal, estava nas vésperas de regressar ao Continente, ao seu grupo do Porto. A Ana pediu-me para agradecer ao Conselho Central e ao grupo do Porto a possibilidade de ter a presença preciosa da Teresa, que muito a ajudou a cuidar e a curar.



O nosso encontro com estas duas irmãs e com a sua sobrinha Bárbara foi muito vitalizante. Uma partilha simples, aberta e serena, um diálogo existencial. A vida pode ser uma canção, um poema, um salmo de louvor, uma brisa suave... só é preciso sair, estar, falar e escutar, ser, dar o tempo, o afeto e acreditar que o “que é belo não é de vender”.

Encontrámo-nos com a Alexandra e com o Leonel (a irmã e o cunhado da Teresa Carvalho), na sua casa, última morada terrena da Teresa Carvalho. Gostei muito deste encontro porquanto me fez sentir que a família das nossas missionárias é também a nossa família.

Fomos a S. Vicente à casa da Paixão. Convivemos com as suas irmãs, Ismália e Virgínia, e almoçámos juntas. Da parte da tarde, dei explicações de informática à Paixão. Foi um dia inesquecível! Compreendi melhor quanto a pureza do ar que se respira no cimo de uma montanha, donde se avistam outras montanhas e o mar, imprime nas pessoas uma simplicidade ímpar e irmana-as na harmonia cósmica.

No fim do último encontro com o grupo, acompanhámos a (Maria da) Conceição para conhecer as outras duas Marias, as suas irmãs: Maria da Luz e Maria de Lurdes. Da sua casa tem-se a sensação que se pode tocar o céu com as mãos e molhar os pés na água do mar. Que belo! Belo é também o vestido de batismo que serviu para as três irmãs, que o guardam, vestido numa boneca, como uma relíquia preciosa. Passaram-se mais de 80 anos, o vestido está completamente novo e é um símbolo que evoca a fé transmitida e acolhida pela ação do Espírito e pela adesão pessoal destas Marias.

A Celestina veio buscar-me, por duas vezes, para passar o dia com ela. Da primeira vez, almoçámos juntas no seu apartamento e depois fomos ao Curral das Freiras, uma pequena vila da Câmara de Lobos, rodeada por enormes montanhas. Foi connosco a Iveta, sua empregada, que tem um sorriso mais abrangente do que o sol. Visitámos a igreja paroquial e a casa que tinha sido dos seus pais, agora restaurada. O percurso é muito belo: montanhas, castanheiros, cerejeiras... A paragem na eira do Serrado deu-nos a possibilidade de descansar um pouco e de saborear o licor de ginja e o pão de castanhas.

Da segunda vez, fomos juntas à Eucaristia dominical à Igreja de S. Martinho. A Celestina apresentou-me o P. Marcos, depois almoçámos no restaurante, fomos ao cemitério e houve um tempo de partilha.

Fui com a Teresa Freitas ao Caniçal: a *Santana*, cidade famosa pelas tradicionais casas triangulares, e à sua casa situada no Porto da Cruz, uma das freguesias do concelho de Machico. A partilha de recordações e emoções e a nossa oração pela sua irmã Isabel foram momentos fortes de comunhão, de fraternidade e de cumplicidade. A última visita foi a casa da Madalena. Gostei muito de ter conhecido os seus irmãos: o Cónego Francisco Xavier e a Maria Helena, ambos doentes. Tive a sensação de entrar num santuário, de tocar o sagrado, o altar da oferta da vida tecida com fios de dor e amor. Falaram-me da fé dos pais, da sua infância e da vocação, mostraram-me álbuns de fotos e tantas outras coisas que fazem parte da história desta família.

Provados pelo sofrimento, mas sustentados pela eucaristia, a liturgia das horas, o terço e pela dedicação e amor que os une, estão serenos

*A vida pode ser uma  
canção, um poema,  
um salmo de louvor,  
uma brisa suave... só  
é preciso sair, estar,  
falar e escutar, ser,  
dar o tempo, o afeto e  
acreditar que o “que é  
belo não é de vender”.*

e manifestam uma ternura que deixa a alma aquecida.

Outro momento único foi a visita ao cemitério. Fomos às campas dos familiares da Madalena (avós e irmã, Maria Graça), da Assunção (familiares e irmã da Celestina) e da Teresa Carvalho. Rezámos por todos e, em silêncio, expressei a minha gratidão à Teresa Carvalho, pedindo-lhe que intercedesse a Deus por nós e para que nos dê novas vocações.

Visitámos o Colégio Missionário. Acolheu-nos o P. Alcindo e o superior da comunidade, o P. Roberto, que nos mostrou o Colégio. Alegrou-me o espírito de família que manifestou. Tivemos ainda oportunidade de cumprimentar o P. Fernando Ribeiro e o irmão José Luís.

No dia 2 de dezembro de 2016, regressei ao Continente. Deixei lá uns sapatos que, apesar de novos, desfizeram-se nos pés, mas trouxe comigo os belos arcos-íris, os barcos e as casas iluminadas, os jardins da Praça do Povo, as colinas, as montanhas, as ribeiras... e o afeto de todos que partilharam comigo a fé, a vida e estreitaram laços de comunhão e de amizade ao longo destes dias.

Agradeço o acolhimento, a confiança, o carinho, a companhia e a possibilidade de visitar o lugar de origem, berço de afetos de cada uma das missionárias.

*Serafina Ribeiro*

## • DEHONIANOS

### Media Experts Meeting

De 3 a 6 de Janeiro ocorreu, em Roma, o ‘Media Experts Meeting’ que congregou dehonianos de diversos países com o objetivo de melhorar a estratégia comunicativa da Congregação. Os participantes refletiram sobre alguns aspetos que podem servir de exemplo para uma comunicação mais organizada e mais global.

Colaborou Marco Politi, autor do livro “Papa Francisco entre os lobos”, que apresentou a estratégia comunicativa do Papa Francisco feita de imagens e de uma linguagem simples. São palavras, símbolos e ações que alcançam os cristãos e fiéis de outras religiões, crentes e não crentes. Com palavras e gestos coerentes, o Papa Francisco “procura reorientar a atenção da Igreja para o amor e para a misericórdia de Deus, numa Igreja que procura desenvolver as Bem-aventuranças e a atitude do bom samaritano”.

Outro orador foi Giuseppe Gracia, coordenador da comunicação social e porta-voz da Diocese de Chur, na Suíça, que apresentou uma reflexão sobre “Communication Crisis”

Os participantes tiveram ainda oportunidade de refletir sobre o modo de promover a colaboração entre as diversas províncias da Congregação, com produtos, ideias e uma plataforma comum de notícias e de conteúdos internacionais.

Segundo o *site* oficial da Cúria geral, no próximo ano a Congregação espera criar uma identidade comum de símbolos e palavras: um nome comum, uma declaração de objetivos. Estas iniciativas visam criar uma espécie de “bilhete de identidade”, uma combinação de palavras, de cores e de símbolos que ajudem a identificar os dehonianos onde quer que se encontrem no mundo.

Além disto, será nomeado um diretor de comunicação e publicado um manual de estratégias para a mesma.

De 22 a 24 de Maio de 2018 haverá um novo Media Experts Meeting. Entretanto, espera-se lançar um novo *site* da Congregação em Outubro de 2017.

**+ informação** ↩

